

Necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar)

CARLOS FABIÃO, AMÍLCAR GUERRA,
TERESA LAÇO, SAMUEL MELRO
e ANA CRISTINA RAMOS

R E S U M O

O revolvimento profundo do subsolo, destinado ao plantio de sobreiros levou à identificação, no ano de 1997, de uma necrópole no sítio do Monte Novo do Castelinho, Almodôvar. Este lugar era já conhecido pela existência de uma barragem em terra, atribuída a esse mesmo período, provavelmente associado a uma *uilla* romana, cuja área funerária agora se identificou. A sua considerável extensão, ainda não definida em toda a sua amplitude e apenas pontualmente intervencionada (foram escavadas doze sepulturas, algumas delas profundamente afectadas), denuncia uma ocupação prolongada, correspondente a um período genericamente enquadrável entre os sécs. II e IV d. C. e evidencia a utilização de rituais de cremação e de inumação. Um estudo desta necrópole e do conjunto dos vestígios arqueológicos correlacionados poderá contribuir certamente para compreender melhor os habitats rurais desta região, tão escassamente investigados.

A B S T R A C T

At Monte Novo do Castelinho, Almodôvar, a Roman necropolis was found and partly destroyed in the summer of 1997, by agricultural works. Surface finds and the rescue excavation of 12 tombs revealed that the site was in use between the 2nd and the 4th centuries AD (Hispanic *sigillata* Drag. 27 and 37 forms; *African red slip* Forms Hayes 14A and 49; unguentaria glasses Forms Isings 28B and 82B2). Both cremation and inhumation are documented. Further studies in this necropolis and at the related habitat will provide more information about Roman rural settlement of this area.

Introdução

O interesse arqueológico da herdade do Monte Novo do Castelinho, Almodôvar, foi reconhecido no âmbito das investigações sobre os *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo*, particularmente por ali se ter identificado uma barragem em terra, já muito destruída, associada a um núcleo de povoamento do período romano a norte (jusante) da mesma (Quintela [et al.], 1987, p.92-93, Fig. 42 e Fot. 51- 52).

No âmbito dos trabalhos arqueológicos que temos vindo a desenvolver no concelho de Almodôvar, desde 1988, tínhamos já efectuado algumas visitas de reconhecimento ao local, que possibilitaram a identificação de uma outra área com alguns vestígios arqueológicos à superfície — sobretudo fragmentos de cerâmicas de cobertura (*tegulae* e *imbrices*), mas também alguns fragmentos de cerâmica comum e um tijolo de quadrante — a sul (montante) da barragem e respectiva bacia de enchimento, que, embora não permitissem uma identificação precisa da sua natureza e função, faziam supor um núcleo subsidiário do anterior. A hipótese de existir no local uma necrópole nem sequer se nos colocava, uma vez que teriam sido identificadas sepulturas romanas do séc. II na vizinha necrópole da Idade do Ferro da Atafona (Beirão, 1986, p. 29).

Durante o verão de 1997, fomos alertados por Rui Cortes, estudante de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que vem desenvolvendo trabalhos de cartografia de sítios arqueológicos no concelho de Almodôvar, no âmbito das suas actividades escolares, para a realização de um projecto de plantação de sobreiros na referida herdade, justamente na área envolvente da barragem — o local onde se encontra o habitat não seria abrangido, uma vez que pertence a um outro proprietário. Deslocámo-nos ao local, nos finais de Julho, e encontrámos já os terrenos surribados e plantados com sobreiros. Estes trabalhos tinham afectado um numeroso conjunto de sepulturas romanas, cujos vestígios, revolidos, se podiam observar à superfície.

Não restava qualquer dúvida de que se tratava de sepulturas, uma vez que os materiais apareciam concentrados em núcleos, com espaços entre si onde não eram visíveis quaisquer vestígios arqueológicos; as cerâmicas de cobertura, designadamente *tegulae*, apareciam em grandes fragmentos, com evidentes vestígios de fractura recente; e, sobretudo na zona mais elevada, observavam-se grandes concentrações de cinzas e carvões, por vezes acompanhadas por esquirolas de ossos, revelando a presença de incinerações — alguma chuva que caiu nesta região, nos finais de Julho e em Agosto, tornou mais evidentes estas realidades.

Em face desta situação, contactámos o Instituto Português de Arqueologia (IPA), comunicando a ocorrência e solicitando autorização para efectuar uma intervenção de emergência, com o intuito de apurar o grau de destruição do sítio arqueológico. Por outro lado, informámos a Câmara Municipal de Almodôvar do sucedido, solicitando que se contactasse o proprietário, não só para lhe dar conta da situação, como também para tentar obter o seu acordo para a realização dos necessários trabalhos.

Apraz-nos registar a celeridade da resposta do IPA, concedendo a autorização para a intervenção; bem como, a atitude do proprietário, Senhor Duarte António Dias que, desconhecendo em absoluto o interesse arqueológico do seu terreno, prontamente se dispôs a autorizar que ali se efectuassem as escavações. A Câmara Municipal de Almodôvar efectuou todos os contactos necessários e garantiu os meios para a realização dos trabalhos.

A escavação decorreu durante o mês de Setembro de 1997 e foi coordenada pelos signatários e por Alexandra Pires, tendo contado com a colaboração dos estudantes universitários e licenciados que, em regime voluntário participavam nas escavações do sítio arqueológico de Mesas do Castelinho.

A necrópole romana do Monte Novo do Castelinho

A necrópole do Monte Novo do Castelinho ocupa uma encosta de pendor suave na Herdade do Monte Novo do Castelinho, freguesia e concelho de Almodôvar (coordenadas UTM Lat. 37° 33' 10" e Long. 8° 08' 30", CMP 1 : 25 000 Fl. 563 - Gomes Aires (Almodôvar)), na típica

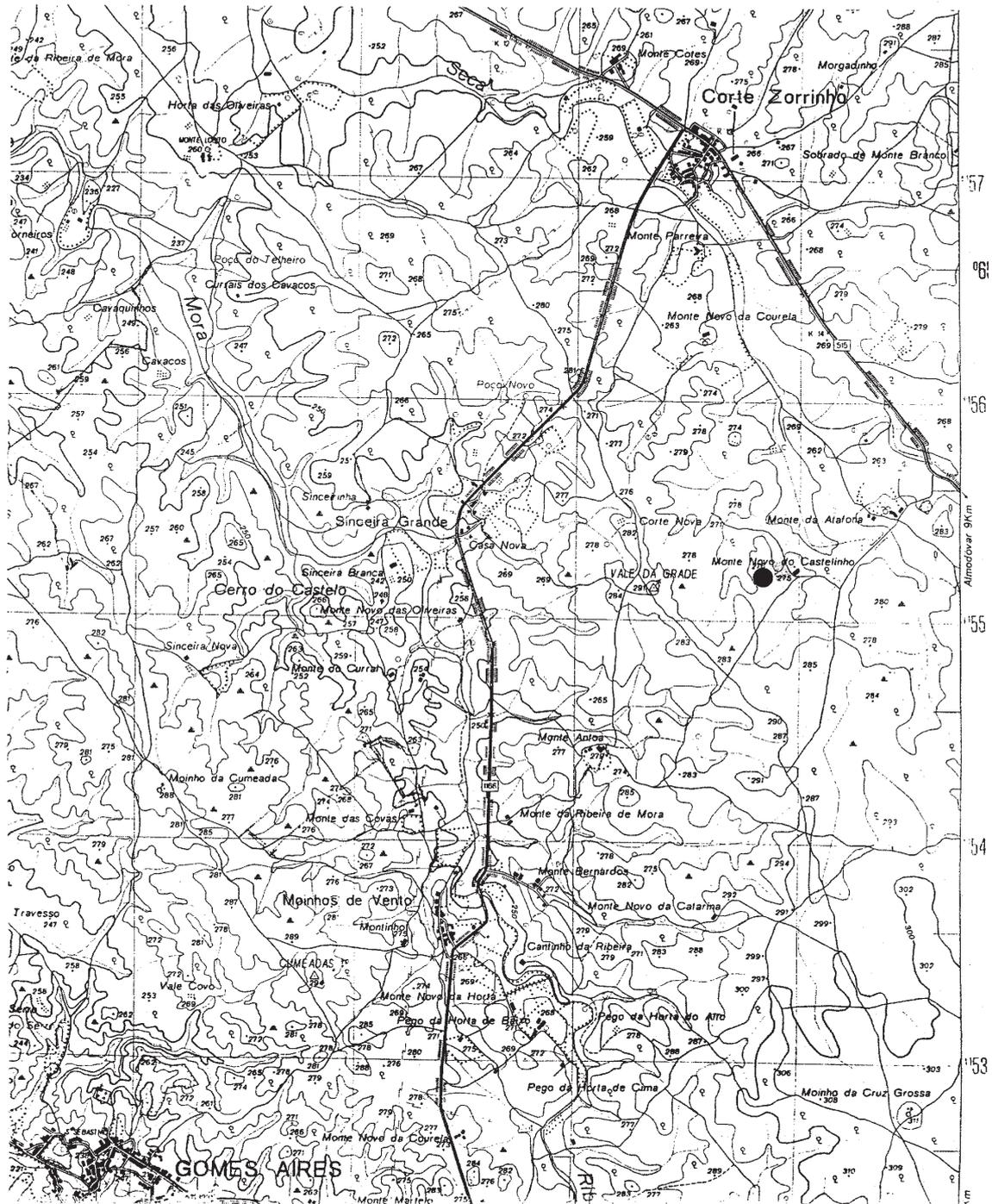


Fig. 1 Implantação da necrópole do Monte Novo do Castelinho na Carta 1:25 000.

paisagem de suaves ondulações que marca este extremo meridional do Alentejo, imediatamente antes da Serra do Caldeirão (Fig. 1). Os terrenos são constituídos pelos chamados solos mediterrâneos pardos, delgados, que cobrem o substrato de xistos paleozóicos, embora existam junto às linhas de água algumas manchas de aluvio-solos modernos, que aumentam o potencial uso agrícola do local.

Os vestígios de sepulturas estendem-se por uma vasta área de, pelo menos, 2 500 m², não sendo fácil determinar a sua extensão a Sul, uma vez que se estende para uma outra propriedade que não conheceu os revolvimentos que afectaram a parcela onde a necrópole foi identificada. A sepultura mais meridional de entre as actualmente conhecidas foi justamente afectada pela implantação dos postes que suportam a vedação que delimita os dois terrenos; para lá desta, observam-se à superfície alguns fragmentos de cerâmica, quase sempre indiferenciados, ou seja, precisamente o mesmo panorama de vestígios que se observava na área onde se efectuaram os revolvimentos, antes de ali ter entrado a maquinaria agrícola. Pode considerar-se, pois, uma necrópole relativamente extensa, correspondendo provavelmente a um núcleo de habitat de alguma relevância — esta ideia é reforçada, aliás, pela qualidade de alguns dos objectos recolhidos no decurso da nossa intervenção.

As observações efectuadas, permitiram identificar a existência de dois ritos funerários distintos: a incineração e a inumação, existindo, nestes últimos casos, a construção de caixas tumulares com cerâmicas de construção, principalmente *tegulae*. Aparentemente, a zona das incinerações circunscrevia-se à parte superior da encosta, enquanto que os locais onde se encontravam as grandes concentrações de cerâmicas de construção (na maior parte dos casos, de cobertura) se observava nas zonas mais baixas, sugerindo que a necrópole teria sido inicialmente na zona mais elevada da suave ondulação do terreno onde se encontra, tendo-se desenvolvido, depois, ao longo da encosta, para nordeste, correspondendo a sua suposta fase mais recente a um cemitério de inumação que ocuparia a zona mais baixa. Como haverá oportunidade de esclarecer, a escavação viria a matizar um pouco estas observações, o que não exclui, note-se, a possibilidade de existir, de facto, uma fase mais antiga na parte mais elevada e uma outra mais recente nas zonas mais baixas.

A surriba dos terrenos para plantação de sobreiros afectou de um modo substancial e irreversível algumas das sepulturas da necrópole romana (v. Figs. 2 e 3). No entanto, este tipo



Fig. 2 Perspectiva de um dos sectores da escavação no início dos trabalhos, vendo-se à direita alguns elementos de uma das sepulturas afectadas.

de revolvimento do subsolo, pelas características de que se reveste — dois sulcos profundos e paralelos, desenhando extensas linhas curvas, que acompanham, de certo modo, as curvas de nível dos terrenos, com espaçamento da ordem dos 10-12 metros, entre si —, produz, de facto, revolvimentos profundos, mas espacialmente circunscritos, que deixam entre eles extensas áreas intocadas. Por outro lado, este tipo de plantação, tem a vantagem de não implicar novos revolvimentos nos terrenos que afecta, durante o extenso lapso de tempo em que as jovens árvores plantadas vão tomando corpo. Assim, a intervenção de emergência que nos propusemos realizar e que tinha como único objectivo avaliar a extensão e profundidade dos impactes causados pela surribe, ficou concluída, visto que as destruições foram, objectivamente, irreversíveis e definitivas, uma vez que toda a restante área se encontrava, não só conservada, como protegida, pela própria natureza da utilização florestal dada ao terreno. Assim, o interesse no prosseguimento da investigação do local obedece a critérios exclusivamente científicos, não se justificando, pois, invocar qualquer argumento de emergência para trabalhos futuros.

A intervenção

A intervenção de emergência que planeámos tinha por objectivo principal avaliar o impacto da surribe sobre as sepulturas directamente afectadas, procurando, ao mesmo tempo, não fragilizar as árvores recém plantadas — ainda que o proprietário, cuja atitude de colaboração é de louvar, nos tenha autorizado a remover os exemplares necessários à boa execução dos trabalhos. Naturalmente, estava fora de questão, neste contexto, a hipótese de efectuar qualquer escavação nas áreas conservadas.

Optámos pela marcação de um conjunto de três eixos paralelos, interceptando outros tantos regos abertos para a plantação de sobreiros, onde eram mais numerosos os vestígios de sepulturas destruídas (v. Figs. 4 e 5). Naturalmente, o principal objectivo consistia em determinar o estado em que se encontravam as diferentes tumulações, após a passagem da máquina. Mas, por questões de ordem prática, interessava-nos também averiguar qual era o real significado de algumas das ocorrências de superfície observadas: por exemplo, verificava-se em alguns pontos grandes concentrações de materiais de construção (entenda-se, três, quatro ou mais *tegulae* quebradas em associação), enquanto que em outros, se registavam apenas alguns fragmentos de menores dimensões; em alguns pontos se observavam várias manchas de cinzas e carvões, mas, em outros essas mesmas cinzas e carvões apareciam concentradas em uma só pequena mancha; finalmente, verificava-se a associação entre grandes monólitos lajiformes de xisto e concentrações de material de construção, enquanto que em outros locais aparecia apenas o monólito.



Fig. 3 Pormenor da área intervencionada, identificando-se alguns vestígios de uma sepultura de incineração (Sepultura 3).

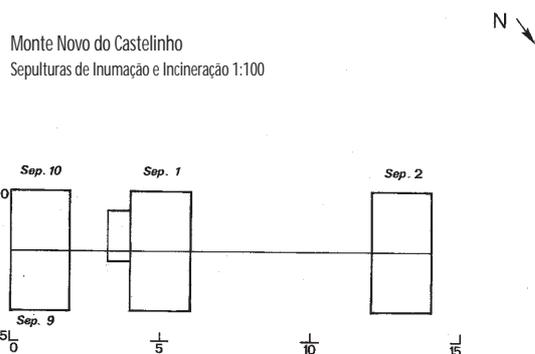


Fig. 4 Planta da distribuição das áreas interveniadas, respeitantes às sepulturas 1, 2, 9 e 10.

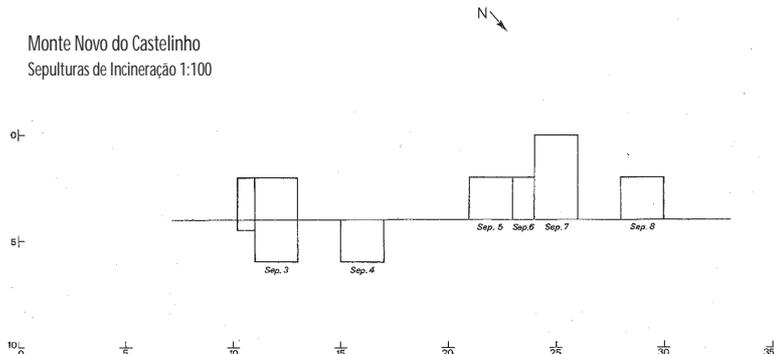


Fig. 5 Idem, das sepulturas 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

Assim, em um dos regos (I), decidimos intervir em três pontos distintos: um local onde havia uma particular concentração de cerâmicas de cobertura partidas (*tegulae*); um outro onde se registavam somente poucos fragmentos das mesmas (em ambos casos associados a lajes de grande dimensão); e um terceiro onde praticamente se observava apenas a presença de uma grande laje, com alguns fragmentos diminutos de cerâmicas de cobertura em número, dimensão e estado de conservação que admitiriam a possibilidade de terem sido arrastados a partir de algum local próximo (Sepulturas 1, 2, 9 e 10, v. Figs. 4 e 6 a 23).

A escavação viria a revelar que, de facto, todas estas situações indicavam a presença de sepulturas.

A primeira, Sepultura 1 (v. Figs. 4 e 6 a 10), correspondia a uma inumação estruturada por pedras e materiais de construção (*tegulae*, *imbrices* e tijoleiras), parcialmente destruída pela passagem de um dos ferros da máquina, que terá destroçado uma parte da caixa. Conservava-se, contudo, a zona da cabeceira (?) e cerca de 2/3 da caixa sepulcral, que tinha planta rectangular e era coberta por um telhado de duas águas feito com *tegulae*. Não havia vestígios de cinzas ou ossos, pelo que a observação conjugada de: dimensão da caixa tumular e ausência de cinzas, nos faz supor tratar-se de uma inumação. Associado existia apenas um recipiente cerâmico (n.º 2, Fig. 8), deposto no interior do terço inferior(?) da sepultura. À superfície encontrava-se, em posição resultante de revolvimento óbvio, uma grande laje partida, com cerca de 97 cm de comprimento, por 67 cm de largura e 14 cm de espessura. Por se encontrar já partida, não resulta claro se tinha (ou não) uma das extremidades afeiçoada para permitir a sua implantação vertical no solo. Contudo, pelo que foi possível observar nas restantes sepulturas desta área, tudo indica que as áreas com tumulações pudessem estar identificadas por lajes deste tipo — não se identificou, porém, qualquer registo epigráfico.

A segunda, Sepultura 2 (v. Figs. 4 e 11 a 15), tinha apenas dois grandes fragmentos de *tegula* à superfície, bem como uma grande laje, também ela partida, com dimensões de 86 cm de comprimento, por 62 cm de largura e 10 cm de espessura, na parte que se conservou. A escavação revelou uma tumulação integralmente conservada, por terem passado ao lado (de ambos os lados) os dois ferros da máquina, que rasgaram sulcos profundos na própria rocha de base. Trata-se de uma sepultura, escavada na rocha, com um metro de comprimento e 30 cm de largura máxima, de configuração rectangular, com os cantos arredondados. No seu interior encontrava-se um conjunto de 21 pequenas contas (sete amarelas, seis castanhas, cinco azuis e três verdes), uma outra, maior, achatada, azul, e um pendente negro (n.º 12, Fig.

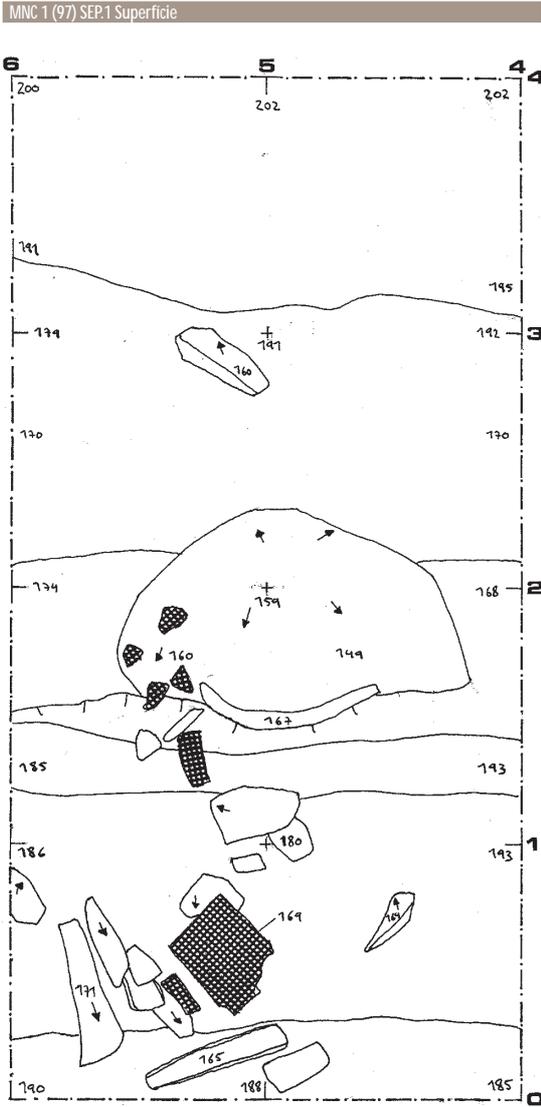


Fig. 6 Planta da área correspondente à Sepultura 1, a nível da superfície.

 Material de Construção

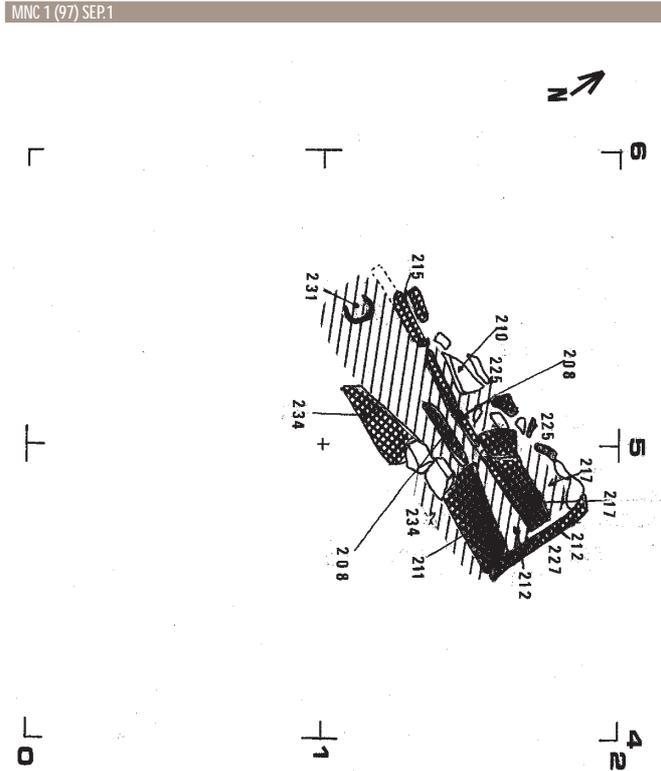


Fig. 7 Planta da mesma sepultura numa fase intermédia de escavação.

 Material de Construção
 Área da Sepultura

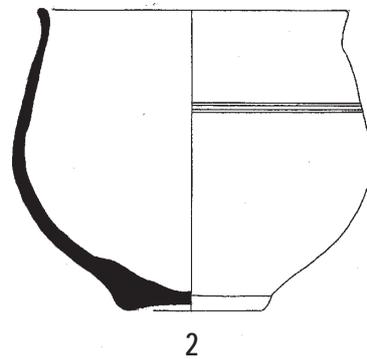


Fig. 8 Espólio da Sepultura 1 (1/2).



Fig. 9 Aspecto dos elementos estruturais associados à Sepultura 1.



Fig. 10 Sepultura 1 em fase terminal de escavação.

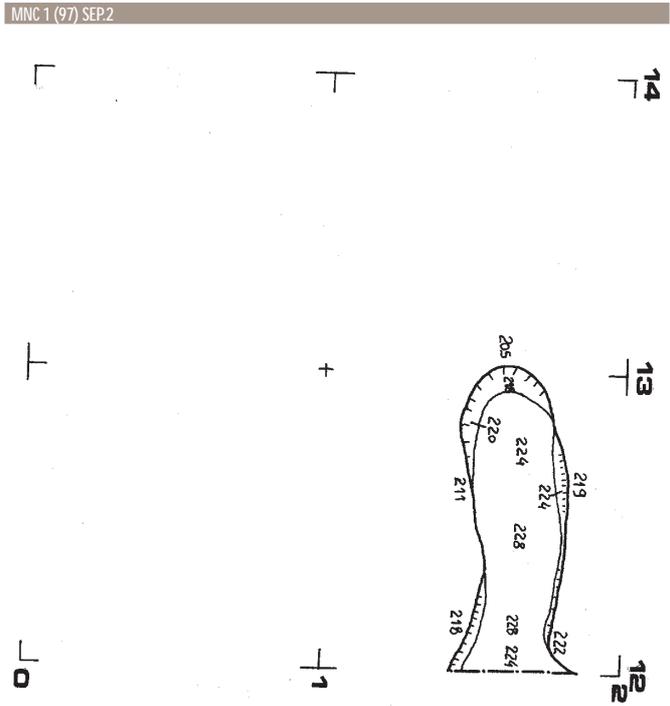
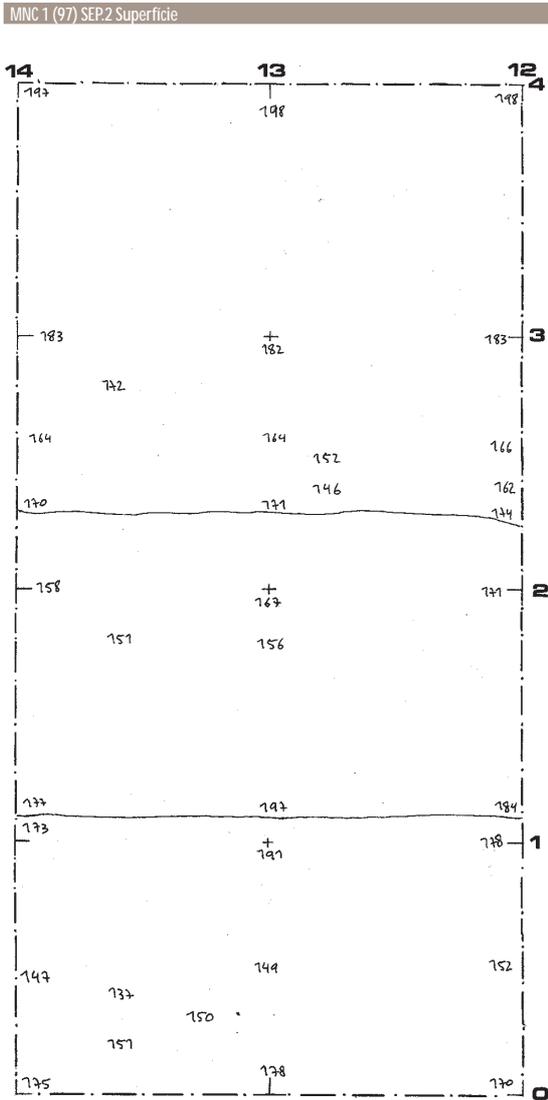


Fig. 13 Planta da Sepultura em final de escavação.

Fig. 11 Plano superficial da área respeitante à Sepultura 2.



Fig. 12 Aspecto da área de implantação do Sepultura 2.



Fig. 14 A mesma sepultura no final da escavação.

15), todos em vidro. Por se não terem registado quaisquer indícios de cinzas e carvões, presumimos que se trataria de uma sepultura de inumação; infantil, pelas suas dimensões. O único elemento que fornece alguma indicação cronológica, ainda que bastante vaga, é o pendente, assimilável a outros conhecidos na necrópole da Torre de Aires, Tavira, onde são tidos como peças tardias, talvez já do séc. IV (Nolen, 1994, p.182, vi-132 e vi-133, Est. 41).

A terceira, Sepultura 9 (v. Figs. 4 e 16 a 22), tinha à superfície somente pequeníssimos fragmentos de cerâmicas de cobertura, mas também um fragmento de laje de xisto, com as seguintes medidas conservadas: comprimento 78 cm, largura 81 cm e espessura 12 cm. A escavação viria a revelar uma nova sepultura de feição rectangular, ainda que com uma das extremidades alargada e arredondada, estruturada com pedras e fragmentos de cerâmicas de cobertura, delimitando uma fossa preenchida com cinzas, carvões e esquirolas de ossos. Sobre este cinzeiro encontravam-se depostos dois recipientes de cerâmica comum, que constituíam o espólio desta sepultura de incineração (n.ºs 3 e 13, Fig. 18). À superfície encontraram-se, também, dois minúsculos fragmentos de vidro incolor, que poderiam ter pertencido a uma peça aqui depositada.

Junto da anterior, identificámos um novo cinzeiro, também preenchendo uma fossa estruturada por pedras, a Sepultura 10 (v. Figs. 23 e 24). Entre as sepulturas 9 e 10, passou justamente um dos ferros da máquina que surribou o terreno, afectando-as parcialmente. A sepultura 10 não teria associada nenhuma laje, pelo menos não identificámos nenhuma nas suas proximidades imediatas e, no interior do cinzeiro (não sobre o mesmo, como acontecia na Sepultura 9) foi encontrado somente um fragmento de cerâmica comum e um fragmento de ferro pertencente a um objecto de difícil classificação. No limite da área escavada, era visível um novo cinzeiro, que deverá corresponder a uma nova sepultura, que se estende para a área não afectada pelos trabalhos agrícolas.

Este agrupamento de sepulturas afigura-se particularmente denso, em 8 m² identificaram-se duas (integralmente escavadas) e vestígios de uma terceira. Trata-se também de um conjunto de incinerações, encontradas em espaço muito próximo daquele onde foram escavadas as duas inumações já referidas. Finalmente, para estas três sepulturas, registamos somente uma laje de xisto. A convergência destes dados faz-nos crer que haverá distintas densidades na distribuição dos enterramentos, com zonas de maior concentração e outras onde as diferentes sepulturas se encontram mais espaçadas entre si. Como é compreensível, a área abrangida por esta primeira intervenção não é suficiente para que se possam avançar propostas interpretativas para este facto. Interessante resulta, também, observar as variações de rito funerário existentes em uma mesma área da necrópole, indiciando, provavelmente, uma coexistência no tempo dos ritos da cremação e da incineração. Infelizmente, como só encontramos recipientes de cerâmica comum nos distintos enterramentos, para lá das contas e pendente da Sepultura 2 — pouco significativos para o estabelecimento de cronologias, ainda que aos pendentes deste tipo se atribuam datas de fabrico/uso tardias, consentâneas, aliás, com o facto de se tratar de uma sepultura de inumação em fossa escavada na rocha —, não se afigura fácil determinar se estamos perante um momento de utilização em que os distintos ritos fúnebres (incineração e inumação) se utilizam em paralelo, facto já observado nas necrópoles romanas conhecidas no Alto Alentejo (Frade e Caetano, 1993, p. 859); ou se, pelo contrário, diferenças cronológicas determinam as diferenças de práticas fúnebres. A verificação de que todas estas sepulturas, independentemente do rito, se encontram orientadas do mesmo modo (sensivelmente NW-SE), reforça a ideia de que pertenceriam a uma mesma fase da utilização do espaço fúnebre. Finalmente, a existência de uma única laje de xisto neste área sugere

MNC 1 (97) SEP.9
 1:20

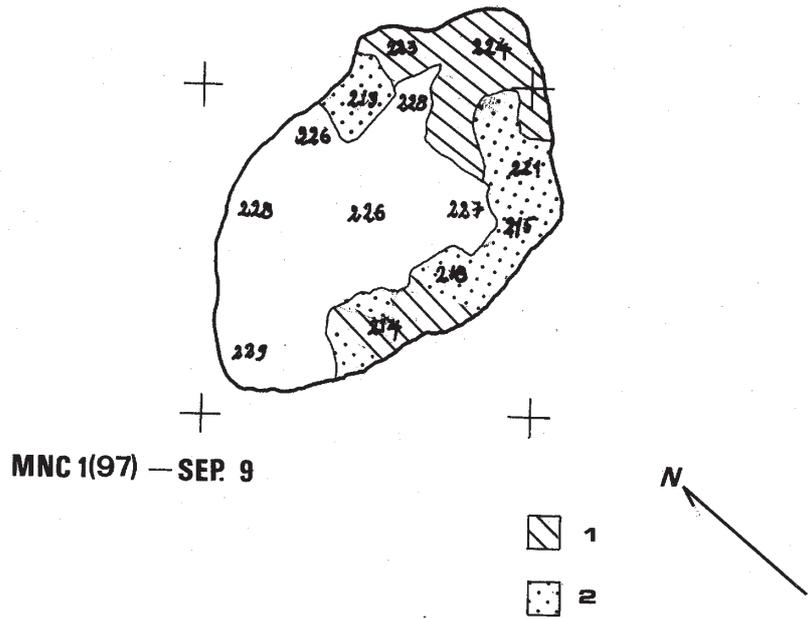


Fig. 15
 Pendente
 da Sepultura 2 (1/2).

Fig. 16 Planta com delimitação do estrato com cinzas associado à Sepultura 9.

MNC 1 (97) SEP.9
 1:20

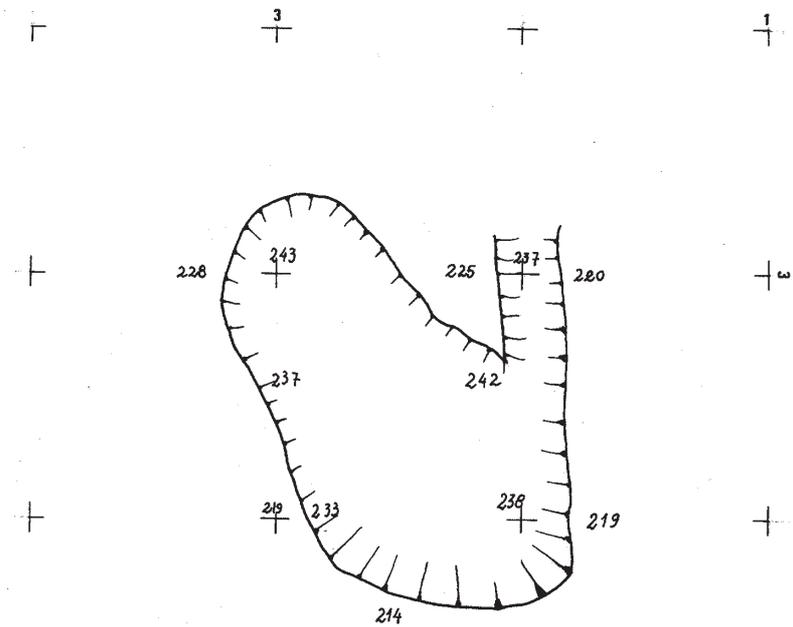


Fig. 17 Planta da mesma sepultura em final de escavação.

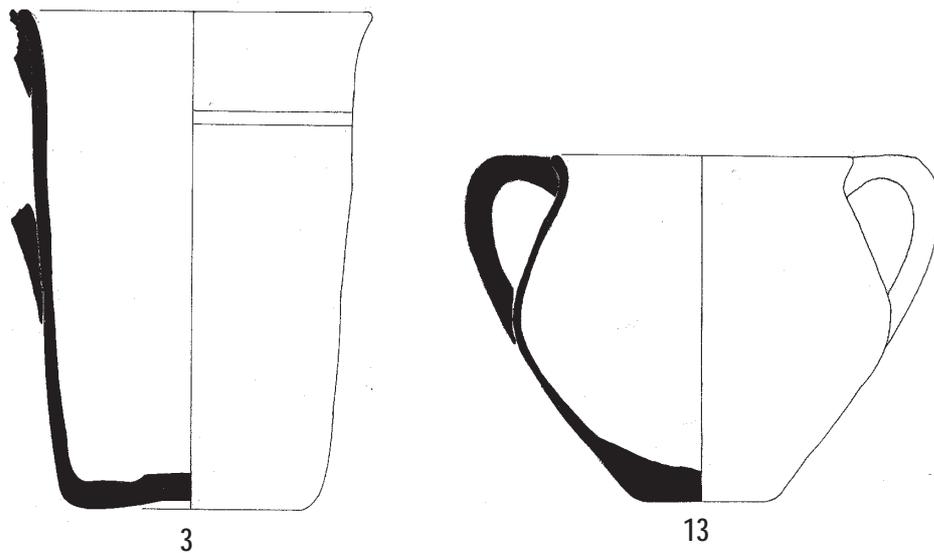


Fig. 18 Espólio da Sepultura 9 (1/2).



Fig. 19 Pormenor de espólio associado à Sepultura 9.



Fig. 20 Perspectiva da Sepultura 9 em fase intermédia de escavação.



Fig. 21 Configuração da Sepultura 9 e sua relação com a laje a ela associada.

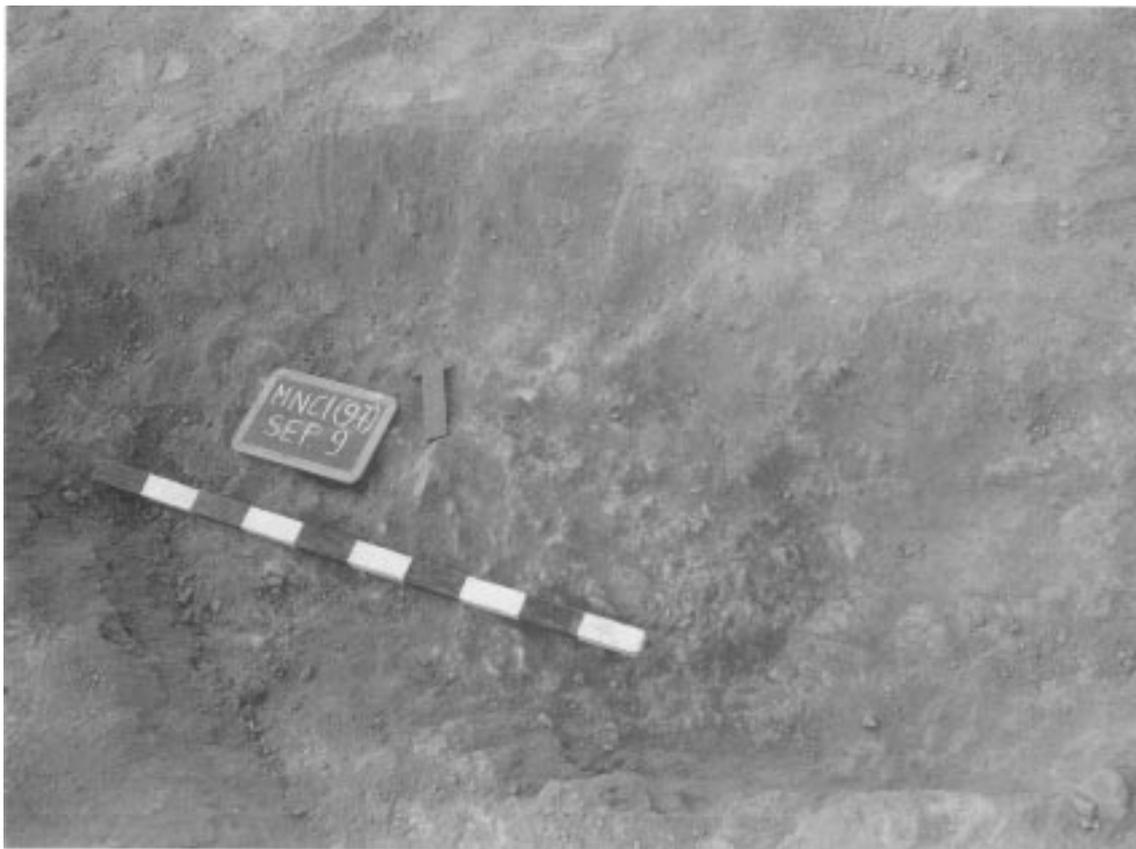


Fig. 22 Aspecto da Sepultura 9 em fase final de escavação.

MNC 1 (97) SEP.10

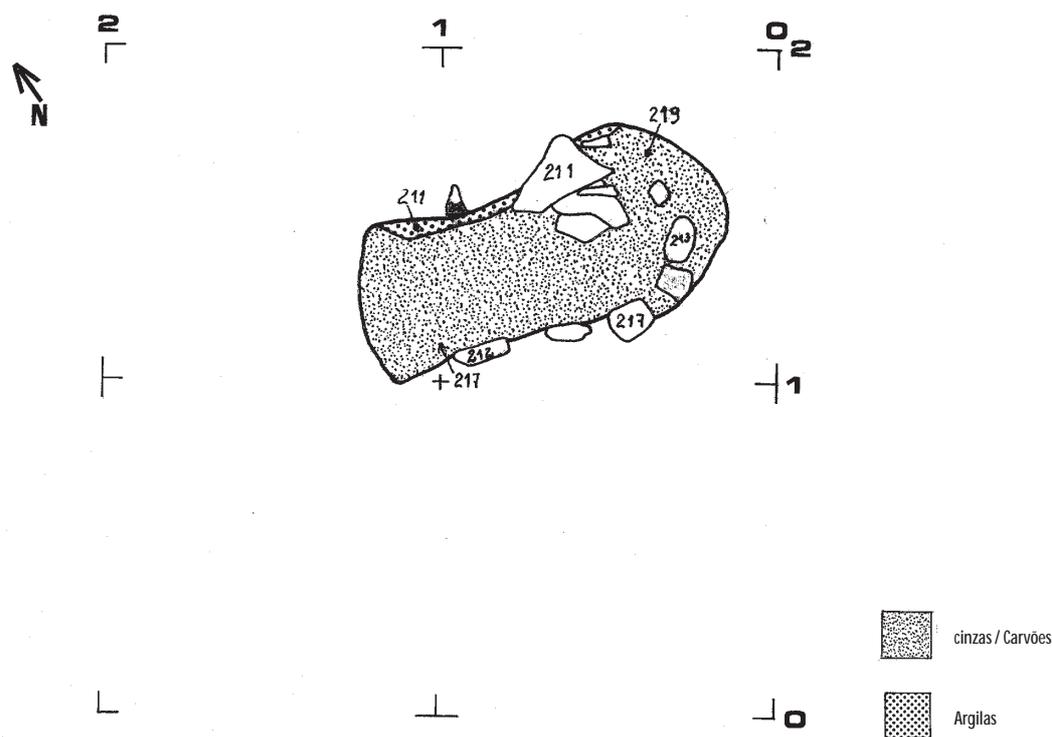


Fig. 23 Planta do estrato de cinzas associado à Sepultura 10.

que as mesmas poderiam indicar diferentes áreas de agrupamento de sepulturas, por exemplo, por critério familiar, e não propriamente sinalizar cada sepultura; isto, naturalmente, se a continuação dos trabalhos permitir confirmar a suposta associação entre lajes e enterramentos, hipótese que só tomou corpo, por se verificar uma inusitada presença destes monólitos nesta área da necrópole.

No segundo rego (II), ao contrário do que sucedia no primeiro e, de certo modo, no terceiro, viam-se à superfície abundantes materiais arqueológicos e pequenos fragmentos de ossos, juntamente com as concentrações de materiais de construção, de fractura recente e manchas de cinzas (v. Figs. 2 e 3). As grandes lajes que se identificaram no rego I não existiam aqui — como não existiam, também, nas restantes zonas revolvidas.

A nossa intervenção nesta área limitou-se, por um lado, a recolhas de superfície, procurando conservar agrupado o que se encontrava no terreno em situação de evidente proximidade e que, por isso mesmo, poderia identificar diferentes sepulturas; e, por outro, à escavação de uma área onde se identificavam dois agrupamentos de cinzas, esquirolas de ossos e fragmentos de cerâmica comum, para além das abundantes concentrações de cerâmicas de cobertura, com evidentes sinais de fracturas recentes, por potencialmente abranger duas sepulturas distintas, ambas muito destruídas.

À superfície do terreno recolhemos vários fragmentos de uma tigela de *Terra Sigillata Hispanica* da forma Drag. 37 (n.º 8, Fig. 25), em mau estado, particularmente a decoração, o que dificulta uma classificação precisa. Apresenta, de qualquer modo, dois frisos com círculos, o que sugere uma fase tardia da produção desta forma (Mayet, 1984, p. 52-53 e 85). Identificaram-



Fig. 24 Sepultura 10 em fase de escavação.

-se, para além disso, uma moeda de bronze e fragmentos de vidros e de cerâmicas comuns. Não foi possível associar nenhuma destas peças a sepulturas concretas, uma vez que nos faltavam indicações claras de contextualização; entenda-se, em nenhum caso as peças se encontravam junto de concentrações de cerâmicas de cobertura, manchas de cinzas ou outros indícios que possibilitassem tal associação, o que não significa que uma escavação das respectivas zonas

onde se encontravam não viesse a possibilitá-lo. A moeda encontra-se, presentemente, no Museu Monográfico de Conímbriga para tratamento. Era ilegível antes de qualquer limpeza.

Pelo contrário, a área que seleccionámos para escavar, revelava à superfície vestígios inequívocos de enterramentos, designadamente alguma cerâmica comum (n.º 5, Fig. 26), muito fragmentada, esquirolas de ossos e concentrações de cinzas. Por presumirmos tratar-se de duas sepulturas diferentes, atribuímo-lhes os números 11 e 12. A escavação em área veio a revelar tratar-se realmente de duas sepulturas, ainda que completamente revolvidas e destruídas. Logo após a retirada das terras de superfície, individualizavam-se claramente duas zonas com concentração de cinzas com esquirolas de ossos e com espólio bastante destruído, entre os materiais de construção que comporiam a estrutura da tumulação, encontrou-se um grande fragmento de *dolium*, ocorrência singular, em todas as antigas sepulturas que pudemos escavar. Na segunda, foi possível recolher um unguentário de vidro do Tipo Isings 82 B2 (“Candlestick”), relativamente bem conservado (n.º 10, Fig. 27). Pelo profundo revolvimento e destruição que a área conheceu, foi impossível determinar qual seria a forma e orientação das sepulturas, embora fosse evidente, pela grande concentração de cinzas e esquirolas de ossos, que se tratava de incinerações; pela mesma razão não foi possível determinar se o espólio votivo tinha sido depositado sobre os cinzeiros, como se observou na Sepultura 9.

Finalmente, no terceiro rego (III), o mais meridional de todos e também o que se encontrava na parte mais próxima do topo da colina, decidimos realizar várias intervenções junto a outras tantas áreas onde se identificavam concentrações de cinzas e carvões, para além das recolhas de superfície, que também efectuámos. Nesta área, por razões compreensíveis, as destruições e revolvimentos foram mais profundos; em muitos casos encontravam-se á superfície grandes blocos de xisto do substrato geológico que tinham sido partidos e arrancados pela surriba do terreno. Individualizámos seis áreas que supúnhamos relacionáveis com outras tantas sepulturas, embora a sequência da escavação não viesse a confirmar esta suposição.

A Sepultura 3 (Fig. 3), a primeira a contar de SE, era uma sepultura de incineração, no interior da qual se conservava um unguentário piriforme enquadável na forma 28 B de Isings (n.º 11, Fig. 28), fragmentos que parecem corresponder a três diferentes recipientes de cerâmica comum e 22 pregos de ferro de distintas formas e dimensões, com evidentes sinais de terem sido submetidos a temperaturas elevadas. Encontraram-se, também, fragmentos de madeira carbonizada, cinzas e esquirolas de ossos. Todos estes vestígios espalhavam-se por uma área relativamente ampla e, na sua maior parte, estavam claramente revolvidos (o unguentário, por exemplo, tinha fragmentos à superfície e outros que se encontravam depositos sobre a rocha de base), pelo que foi impossível determinar a configuração da sepultura. O estado em que se encontraram os pregos, bem como os fragmentos de madeira queimada sugerem a hipótese de uma cremação *in situ*; embora o unguentário não apresente sinais de ter sido submetido à cremação.

A Sepultura 4 tinha à superfície muitos fragmentos diminutos de recipientes de vidro incolor (cremos que, pelo menos, duas peças distintas) e uma taça de *Sigillata Clara A* da Forma Lamboglia 3A/Hayes 14A, muito partida, mas com a totalidade dos fragmentos espalhada em uma escassa superfície (n.º 9, Fig. 29). Tratava-se também de uma sepultura de incineração muito destruída, pelo que não foi possível determinar a sua configuração. A escavação veio a revelar mais fragmentos de vidro, todos de diminutas dimensões, bem como fragmentos de, pelo menos, dois recipientes de cerâmica comum.

O conjunto que diferenciámos como Sepulturas 5, 6 e 7 poderia ter correspondido, de facto, a distintas incinerações. No entanto, a escavação não permitiu conclusões satisfatórias

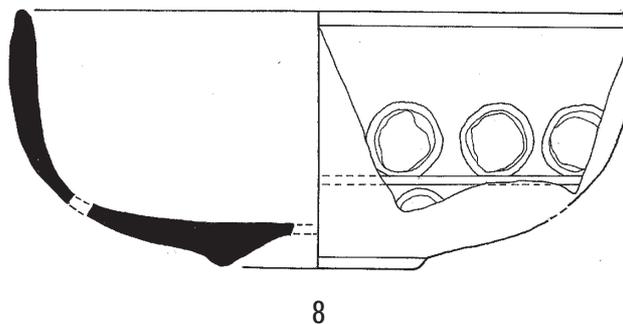


Fig. 25 Forma Drag. 37 de *Terra Sigillata* Hispânica, encontrada à superfície (1/2).

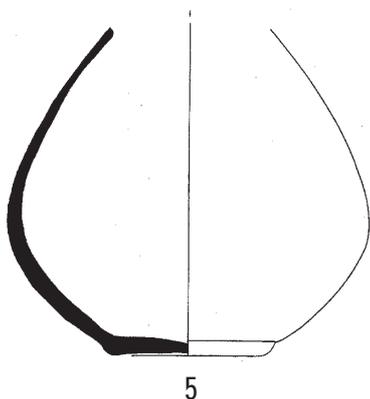


Fig. 26 Forma de cerâmica comum encontrada à superfície (1/2).

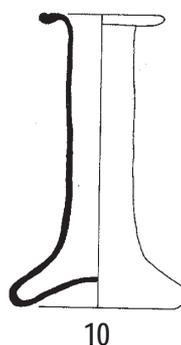


Fig. 27 Unguentário da Sepultura 12 (1/2).

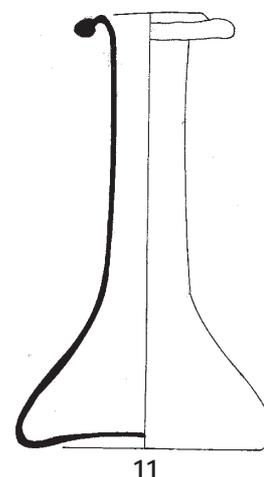


Fig. 28 Unguentário da Sepultura 3 (1/2).

e, muito menos, separar claramente o espólio de cada uma destas potenciais unidades. Recolheram-se aqui fragmentos de um prato de *Sigillata Clara C1* da Forma Hayes 49 (n.º 6, Fig. 30), um recipiente de cerâmica comum (n.º 1, Fig. 30) e fragmentos de outros (pelo menos, cinco exemplares diferentes).

Finalmente, a Sepultura 8 (Figs. 31 a 33), seguramente uma incineração, aparentemente depositada em fossa de contornos rectangulares, sem qualquer enquadramento de pedras ou materiais de construção, entregou somente alguns fragmentos indiferenciados de cerâmica. A sua orientação não é muito diferente das observadas para o conjunto de sepulturas 1, 2, 9 e 10, isto é NW-SE. Uma moeda encontrada à superfície poderia estar-lhe associada.

A norte desta última sepultura, à superfície, em terras revolvidas, foi recolhida uma ponta de lança em ferro, que encontra bons paralelos na vizinha necrópole da Amendoeira de Cima, Mértola (Rosalino, 1988). Embora pouca utilidade tenha esta observação, visto nunca terem sido publicados os resultados da sua escavação.

No topo da ondulação de terreno, identificaram-se outras sepulturas profundamente revolvidas. Nesta área limitámo-nos a efectuar recolhas de superfície.

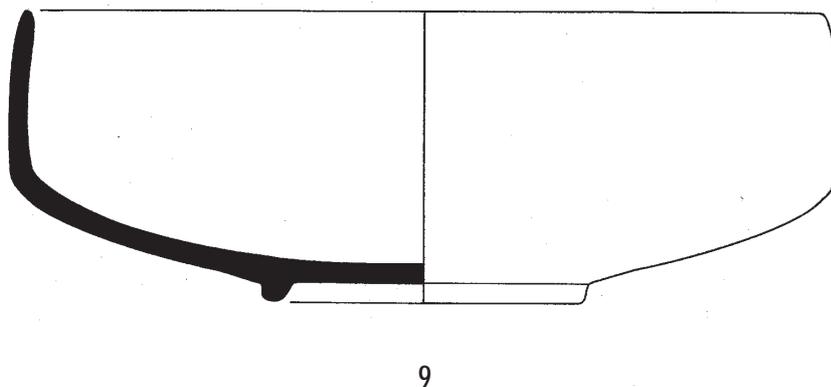


Fig. 29 Taça de *Sigillata* clara A da Sepultura 4 (1/2).

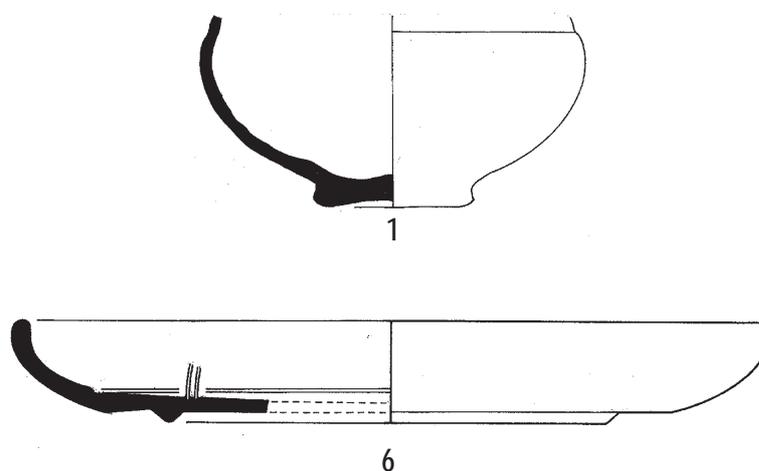


Fig. 30 Espólio associado ao conjunto das Sepulturas 5, 6 e 7 (1/2).

Cronologia

Atendendo à sua extensão, não resulta fácil determinar com segurança os parâmetros cronológicos da necrópole romana do Monte Novo do Castelinho, somente com a curta e circunscrita intervenção de emergência efectuada.

Desde logo, torna-se evidente que não encontrámos sepulturas muito antigas, tanto os materiais de datação precisa, como o facto de se não terem identificado incinerações com deposição em urna, apontam para uma data inicial do séc. II d. C. — época a que poderá remontar o exemplar de *Sigillata Hispânica* da F. Drag. 27 (n.º 7, Fig. 34) recolhido à superfície, que apresenta as características tardias da forma (Mayet, 1984, p. 72). As observações efectuadas em necrópoles do Alto Alentejo, sugerem que as sepulturas com cinzeiros depositados em covas abertas no solo definem, sobretudo, os rituais de incineração do séc. II em diante (Frade e Cae-

tano, 1993, p. 864-865), ou talvez mesmo a partir do séc. I d. C., como o demonstraria a única sepultura romana da necrópole da Chaminé, Elvas (Viana e Deus, 1950, p. 69). Por outro lado, a escassez de espólio por sepultura, tal como o carácter atípico das associações, bem diferente dos conjuntos conhecidos em épocas mais antigas, são normalmente característicos de âmbitos cronológicos tardios, dentro do período romano (Viana e Deus, 1950, p. 867 e 870).

No que respeita aos materiais de cronologia segura associados a sepulturas, os exemplares de *Sigillata Clara*, bem como os vidros, remetem-nos para o período compreendido entre os inícios do século II e o III (*Atlante*, p. 32, 61-62, Tav. XVI, n.ºs 7-9, XXVI, n.º 11), podendo mesmo prolongar-se a sua utilização até ao IV, atendendo às características do pendente de vidro. As cerâmicas comuns enquadram-se genericamente dentro desta cronologia, embora não seja muito segura a maioria da informação disponível. Depois de limpas, as moedas poderão possibilitar uma leitura, mas considerando que ambas foram recolhidas à superfície, não cremos que possam dar significativo contributo a uma melhor definição deste âmbito cronológico. Sublinhe-se, porém, que a dimensão da necrópole permite supor que toda a diacronia da sua constituição/utilização pode não ter sido documentada neste conjunto de intervenções circunscritas que efectuámos.

As cerâmicas comuns, sem dúvida o mais significativo conjunto de espólio recolhido, também não se revelam particularmente interessantes, pela ausência de materiais associados de datação segura.

A importância regional da necrópole do Monte Novo do Castelinho

Ao contrário do que sucedeu na região do Alto Alentejo, o Baixo Alentejo não tem conhecido grandes trabalhos de investigação em espaços funerários de âmbito rural do período romano. De facto, para lá das necrópoles mineiras de Valdoca, Aljustrel, devidamente escavada e publicada (Andrade [et al.], 1956; Ferreira e Andrade, 1966; Alarcão e Alarcão, 1966) ou da Mina de S. Domingos, Mértola, destruída sem que se tivessem salvaguardado mais do que algumas peças, somente a do Monte Farrobo, também em Aljustrel, foi objecto de extensa escavação e publicação (Alarcão, 1974). Esta realidade, por si só, justificaria o interesse do estudo da presente necrópole. Há, no entanto, acrescidos factores de interesse para o prosseguimento do seu estudo.

De facto, por se extrapolarem para o passado as actuais condições ecológicas, tem-se pensado que esta região próxima das serranias algarvias não oferecia condições para a instalação de um povoamento rural de tipo *uilla*, bem conhecido em outras zonas do Alentejo (Alarcão, 1985, 101-102). Tal conclusão, aparentemente confirmada pela escassez de monumentos epigráficos conhecidos na região (no concelho, *IRCP* regista apenas o n.º 120), resulta, em nossa opinião, fundamentalmente, da falta de investigação orientada para a localização e inventário destas formas de povoamento. O conjunto de elementos obtidos na investigação do Monte Novo do Castelinho poderá contribuir para começar a rever esta ideia. Embora não se encontrem vestígios à superfície que permitam identificar de um modo categórico o já conhecido local de habitat associado à barragem e necrópole como uma *uilla*, atendendo aos critérios definidos por J.-G. Gorges (1979, p. 13 ss.), e também ao facto de não serem um exclusivo deste modelo de povoamento a presença de cerâmicas importadas, como se verifica no “casal agrícola” do Cural dos Cães, Montemor-o-Novo (Paço e Lemos, 1962, p. 325 e Fig. 5),

MNC 1 (97) SEP.8
1:20

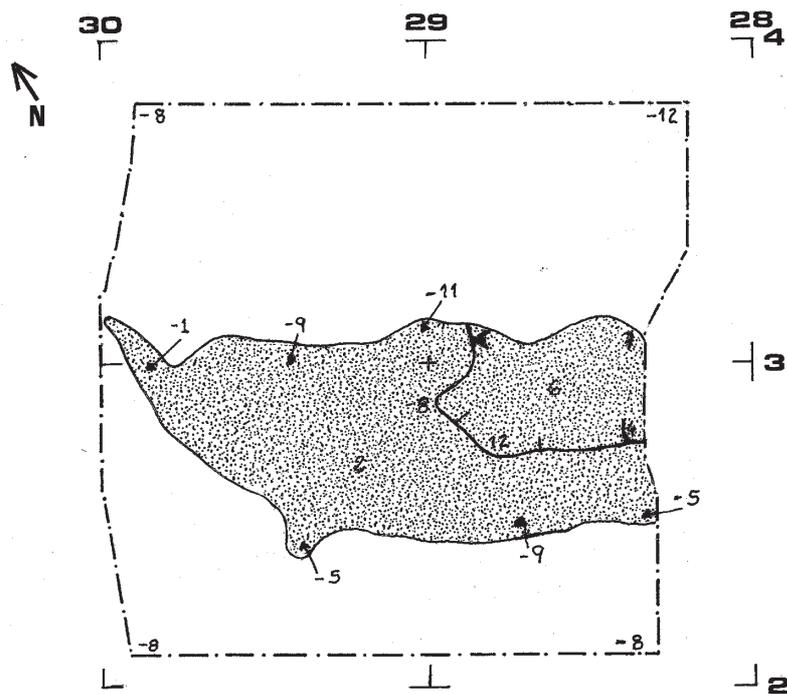


Fig. 31 Planta da Sepultura 8 com indicação das terras escuras que lhe estavam associadas.

MNC 1 (97) SEP.8
1:20

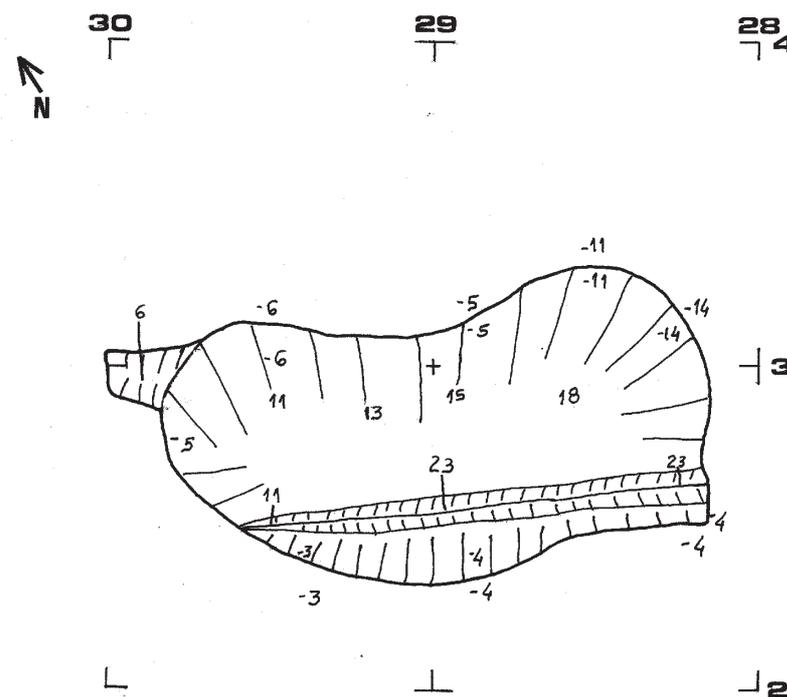


Fig. 32 Planta da mesma, em final de escavação.



Fig. 33 Perspectiva da Sepultura 8 em fase intermédia de escavação.

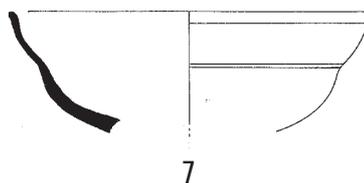


Fig. 34 Fregmento de *Terra Sigillata* Hispânica, da Forma Drag. 27 recolhido à superfície.

a extensão da necrópole e a qualidade dos materiais recolhidos sugere que poderemos estar perante a área funerária de uma *uilla*. Será importante procurar averiguar no futuro as relações entre esta necrópole e a outra, da mesma época, supostamente identificada sobre ou junto das tumulações da Atafona (Beirão, 1986, p. 29).

Por outro lado, como é sabido, os melhores sítios para obter um número significativo de exemplares de cerâmicas comuns, peças inteiras (ou de perfil integralmente reconstituível), bem datadas, pelas associações contextuais, tudo elementos indispensáveis para o estabelecimento de tipologias, são justamente as necrópoles.

Assim, não só para o estudo das práticas fúnebres do mundo clássico nesta região, como para o conhecimento das formas e dinâmicas do povoamento local e para a angariação de boas referências cronológicas para esse difícil âmbito que é o das cerâmicas de uso comum, a continuação da escavação da necrópole do Monte Novo do Castelinho adquire particular interesse, pelo que pensamos prosseguir-lo se for possível reunir as condições necessárias para tal.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1974) - A necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 13, p. 5-31.
- ALARCÃO, J. (1985) - Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve : a propósito de uma obra de José d'Encarnação. *Arqueologia*. Porto. 11, p. 99-111.
- ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1966) - O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 5, p. 7-104.
- ANDRADE, R. F.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A. (1956) - Necrópole céltico-romana de Aljustrel. In: *Actas do XXIII congresso luso-espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956)*. 8. Coimbra, p. 193-202.
- Atlante = CARANDINI, A.; TORTORELLA, S. (1981) - La ceramica africana. In *Atlante delle forme ceramiche 1. Ceramica fina romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero) (Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale)*. Roma : Istituto della Enciclopedia Italiana.
- BEIRÃO, C. M. M. (1986) - *Une civilisation proto-historique du Sud du Portugal (Ier Âge du Fer)*, Paris : Diff. E. de Boccard.
- FERREIRA, O. V.; ANDRADE, R. F. (1966) - A necrópole de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 5, p. 1-6.
- FRADE, H.; CAETANO, J. C. (1993) - Ritos funerários no nordeste alentejano. In *II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1990) Actas*. Coimbra : Faculdade de Letras, p. 847-887.
- GORGES, J.-G. (1979) - *Les villas hispano-romaines. Inventaire et problématique archéologiques*. Paris : Diff. E. de Boccard (Publications du Centre Pierre Paris ; 4).
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. London.
- IRCP = ENCARNÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra : Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- ISINGS, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen : J. B. Wolters.
- MAYET, F. (1984) - *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution a l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'empire romain*. Paris : Diff. E. de Boccard (Publications du Centre Pierre Paris ; 12 / Collection de la Maison des Pays Ibériques ; 21).
- NOLEN, J. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares - Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa : Secretaria de Estado da Cultura
- PAÇO, A.; LEMOS, J. (1962) - Reconhecimentos arqueológicos de emergência nas herdades da Comenda da Igreja e *Comendinha* (Montemor-o-Novo). In *Actas do XXVI congresso luso-espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (Porto, 1962)*. Secção VII - História e Arqueologia. Porto, p. 317-333.
- QUINTELA, A. C.; CARDOSO, J. L.; MASCARENHAS, J. M. (1987) - *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo. Contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa : Ministério do Plano e da Administração do Território.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. (1950) - A exploração de algumas necrópoles céltico-romanas do concelho de Elvas. In *Actas do XIII congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950)*. Tomo VIII. Lisboa : Imprensa Portuguesa, p. 67-74.